

A INFLUÊNCIA DOS VIESES DE EXCESSO DE CONFIANÇA E AVERSÃO À PERDA NA RELAÇÃO ENTRE ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA E BEM-ESTAR FINANCEIRO: UM ENSAIO TEÓRICO

Edilza Gomes da Silva

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba - UFPB no Projeto de Cooperação entre o Instituto Federal da Bahia – IFBA
E-mail da pesquisadora: edilzagbi@gmail.com

Resumo:

Este ensaio teórico discute a relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, propondo que os vieses cognitivos de excesso de confiança e aversão à perda desempenham um papel mediador relevante nessa dinâmica. No Brasil, mais de 70% da população não possui reservas financeiras para lidar com imprevistos, segundo levantamento do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil, 2023). Esse dado alarmante reforça a importância da alfabetização financeira, bem-estar financeiro e levanta uma questão central: por que, mesmo com informações financeiramente relevantes cada vez mais disponíveis, muitas pessoas continuam tomando decisões financeiras inadequadas? Embora a alfabetização financeira seja reconhecida como um fator determinante para decisões mais informadas, a literatura mostra que o conhecimento por si só não garante comportamentos racionais. Assim, a contribuição deste ensaio é propor um modelo conceitual que integra alfabetização financeira, bem-estar financeiro e vieses cognitivos, destacando a importância de considerar aspectos psicológicos e comportamentais na tomada de decisão financeira. O texto apresenta uma revisão da literatura, contrapontos teóricos, a justificativa da escolha dos vieses analisados bem como uma agenda para futuras pesquisas empíricas.

Palavras-chave: Alfabetização financeira; Vieses cognitivos; Bem-estar financeiro.

Introdução:

A crescente complexidade do ambiente financeiro contemporâneo exige dos indivíduos não apenas conhecimento técnico, mas também habilidades comportamentais para lidar com decisões que afetam sua vida econômica e emocional. A alfabetização financeira tem sido amplamente apontada como determinante do bem-estar financeiro (Lusardi e Mitchell, 2014), mas evidências mostram que mesmo indivíduos com alto nível de conhecimento podem cometer erros previsíveis, influenciados por vieses cognitivos (Kahneman, 2012).

O problema teórico que orienta este ensaio reside justamente nessa lacuna: como explicar que indivíduos alfabetizados financeiramente ainda apresentam comportamentos financeiros inconsistentes com seu próprio conhecimento? Estudos anteriores, como o de (Silva, 2022), já reforçaram a importância desses vieses, evidenciando o impacto direto do excesso de confiança e da aversão à perda sobre o bem-estar financeiro. Ao mesmo tempo, essa literatura apontou a mediação desses vieses como uma lacuna a ser explorada. A tese aqui defendida, ancorada na literatura e proposta em trabalho anterior, é que os vieses de excesso de confiança e aversão à perda funcionam como mediadores entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro.

Nesse sentido, o presente ensaio propõe que a relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, mediada pelos vieses de excesso de confiança e aversão à perda, seja compreendida em sua condição dialética, isto é, como um processo dinâmico e contraditório, onde o aumento do conhecimento técnico pode paradoxalmente intensificar os vieses que deveria mitigar.

Assim, o objetivo geral deste ensaio é desenvolver uma discussão conceitual sobre a mediação dos vieses cognitivos na relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro. Para tanto, os objetivos específicos são: (i) revisar a literatura sobre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, destacando suas limitações; (ii) discutir criticamente os vieses de excesso de confiança e aversão à perda, justificando sua escolha; (iii) propor um modelo teórico de mediação; e (iv) sugerir caminhos

metodológicos para pesquisas futuras. A justificativa para este estudo reside em sua relevância prática, pela necessidade de aprimorar programas de educação financeira incorporando aspectos psicológicos, e em sua relevância teórica, ao propor uma integração conceitual pouco explorada na literatura de finanças comportamentais. A figura 1 a seguir apresenta o modelo conceitual deste trabalho.

Figura 1 – Modelo conceitual da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Considerando que o comportamento financeiro humano não é estritamente racional, o modelo insere duas variáveis mediadoras: o excesso de confiança e a aversão à perda — dois vieses cognitivos amplamente documentados na literatura de finanças comportamentais. Essas variáveis são tratadas como mecanismos psicológicos de mediação, capazes de potencializar ou distorcer o efeito da alfabetização financeira sobre o bem-estar. Nesse contexto, destaca-se a importância da alfabetização financeira como uma das principais variáveis preditoras da qualidade das decisões econômicas e do equilíbrio financeiro individual, a qual será abordada no próximo tópico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica deste ensaio apoia-se em três pilares complementares: alfabetização financeira, entendida como competência prática de uso do conhecimento econômico no cotidiano; bem-estar financeiro, concebido como percepção de segurança e autonomia diante das finanças; e vieses cognitivos (excesso de confiança e aversão à perda), reconhecidos como desvios sistemáticos da racionalidade que afastam o indivíduo de decisões ótimas. Ao integrar esses referenciais, busca-se compreender o comportamento financeiro como resultado da interação entre conhecimento, percepção e cognição, superando abordagens estritamente econômicas. A seguir, cada pilar é discutido em maior profundidade.

2.1 Alfabetização Financeira

A alfabetização financeira pode ser definida como o conjunto de conhecimentos, comportamentos e atitudes que permitem aos indivíduos tomar decisões financeiras conscientes (Huston, 2010). A OCDE (2024 e 2023) reforça essa concepção, apontando que a alfabetização envolve tanto competência cognitiva quanto comportamental.

Embora programas de educação financeira tenham proliferado globalmente, sua efetividade ainda é questionada. Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) mostraram que o impacto da alfabetização financeira em comportamentos de longo prazo é limitado, o que sugere a presença de outros fatores, como vieses cognitivos, interferindo na relação.

Neste cenário, o relatório da OCDE (2018) define que, para alcançar o bem-estar financeiro é necessário tomar decisões sólidas com base em uma combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos financeiros.

Para Huston (2010) e Remund (2010), a alfabetização financeira se configura não apenas pelo domínio de conceitos financeiros, mas fundamentalmente pela aptidão em aplicar esse conhecimento em situações reais. Essa capacidade de traduzir o saber em ação eficaz é o que verdadeiramente define

um indivíduo alfabetizado financeiramente. Uma sólida alfabetização financeira pode, em teoria, mitigar a influência de vieses comportamentais, permitindo decisões mais informadas e, conseqüentemente, contribuindo para um maior bem-estar financeiro.

Nesse sentido, Lusardi e Mitchell (2014) e Fernandes, Lynch e Netemeyer (2014) evidenciam que a alfabetização financeira possui impacto positivo sobre a estabilidade financeira dos indivíduos, promovendo maior capacidade de poupança, investimento, planejamento de longo prazo e aponta, ainda, que o conhecimento financeiro, isoladamente, pode não ser suficiente para garantir decisões plenamente racionais dadas a interferência de fatores emocionais e heurísticos.

Didaticamente, a alfabetização financeira representa o alicerce sobre o qual se estruturam comportamentos financeiros mais adequados. Ela compreende o domínio de conhecimentos fundamentais acerca do funcionamento do dinheiro, incluindo conceitos básicos de finanças pessoais, avaliação de riscos e benefícios associados a produtos financeiros como empréstimos e poupanças, bem como a capacidade de interpretar informações financeiras elementares (OCDE, 2013; Lusardi; Mitchell, 2014). Dessa forma, a literatura evoluiu para estudar o bem estar financeiro, que engloba a percepção subjetiva e a segurança futura do indivíduo, representando o patamar mais elevado e desejado da saúde financeira.

2.2 Bem-Estar Financeiro

O bem-estar financeiro é um construto multidimensional, incluindo tanto indicadores objetivos (renda, ativos, dívidas) quanto subjetivos (satisfação, segurança, ausência de estresse (Netemeyer *et al.*, 2018). Xiao e O'Neill (2016) destacam que não basta medir condições econômicas: é preciso avaliar como os indivíduos percebem sua situação financeira.

Estudos recentes (Brüggen *et al.*, 2017; OECD, 2020) apontam que a alfabetização financeira tem efeito positivo sobre o bem-estar, mas a relação não é linear nem garantida, indicando a presença de mediadores pessoais (Brüggen *et al.* 2017; Kahneman, 2012).

Estudo como o de Kebede (2015), em revisão da literatura sobre educação financeira e gestão de finanças pessoais, identificou que a educação financeira está correlacionada com variáveis sociodemográficas como gênero, idade, escolaridade e renda. Arianti (2018), por sua vez, demonstrou que a educação financeira não afeta diretamente as decisões de investimento, mas que o comportamento financeiro e a renda possuem efeitos significativos.

Para fins ilustrativos, essa distinção entre dimensões objetivas e subjetivas do bem-estar financeiro, considere dois indivíduos com renda mensal semelhante a R\$ 5.000,00. O primeiro possui dívidas controladas, reserva de emergência e demonstra tranquilidade ao planejar gastos futuros, sentindo-se seguro quanto à sua estabilidade financeira. O segundo, apesar de possuir a mesma renda e nenhum endividamento expressivo, relata constante preocupação com imprevistos, evita olhar extratos bancários e sente ansiedade ao pensar no futuro. Objetivamente, ambos possuem condições econômicas similares; no entanto, apenas o primeiro pode ser considerado financeiramente bem, segundo a concepção multidimensional do bem estar. Assim, a percepção individual de controle e segurança revela-se tão relevante quanto os indicadores econômicos formais (Brüggen *et al.*, 2017; Xiao e O'Neill, 2016).

Esse exemplo evidencia que o bem-estar financeiro não pode ser analisado exclusivamente a partir de variáveis econômicas objetivas, exigindo a consideração de percepções individuais e fatores psicológicos. Nesse sentido, estudos recentes têm buscado compreender quais elementos — como alfabetização financeira, comportamento financeiro e vieses cognitivos — contribuem para aumentar ou reduzir essa percepção de bem-estar, o que será discutido na seção seguinte.

2.3 Vieses Cognitivos

Vieses cognitivos são padrões sistemáticos de desvio da racionalidade no pensamento e na tomada de decisões humanas, o que os leva a tomar decisões com base em informações incompletas ou atalhos mentais. A Teoria do Prospecto (Kahneman e Tversky, 1979) revelou que os indivíduos não decidem apenas com base em lógica, mas sob a influência de vieses sistemáticos. Entre os mais estudados, destacam-se o excesso de confiança e a aversão à perda.

Excesso de confiança

Caracteriza-se pela superestimação de habilidades ou informações, levando a maior propensão ao risco

e negociações excessivas (Barber e Odean, 2001). Pesquisas recentes (Lim, 2021) confirmam que esse viés compromete o bem-estar financeiro, pois pode gerar endividamento e perdas patrimoniais. Também pode se manifestar na falta de diversificação dos investimentos. Um indivíduo que obteve bons resultados ao investir em um único tipo de ativo, por exemplo, ações de uma empresa específica ou criptomoedas — pode superestimar sua capacidade de prever o comportamento do mercado e concentrar todo o seu capital nesse mesmo tipo de aplicação. Essa autoconfiança excessiva o leva a ignorar princípios básicos de gestão de risco e a desconsiderar variáveis macroeconômicas, acreditando que seus resultados passados garantem retornos futuros. No entanto, quando ocorre uma oscilação negativa do mercado, as perdas tendem a ser significativamente maiores do que em uma carteira diversificada. Esse comportamento evidencia como o excesso de confiança reduz a percepção de risco e compromete o equilíbrio financeiro de longo prazo, confirmando a necessidade de estratégias de diversificação para mitigar prejuízos potenciais (OCDE 2024; Barber e Odean 2001; Li, 2021).

Aversão à perda

Refere-se à tendência dos indivíduos de atribuírem um peso psicológico maior às perdas do que a ganhos de mesma magnitude, isto é, a dor de perder algo é percebida como mais intensa do que o prazer de ganhar o equivalente e pode levar a decisões financeiras excessivamente conservadoras, como a manutenção de ativos de baixo retorno ou a resistência a ajustes em uma carteira de investimentos (Kahneman e Tversky, 1979).

No contexto do consumo cotidiano, por exemplo, a aversão à perda se manifesta quando o indivíduo prefere continuar pagando por um serviço de assinatura que quase não utiliza — como academia, plataformas de streaming ou revistas digitais — apenas para não sentir que está “abrindo mão” de algo que já faz parte de sua rotina. Essa resistência à perda simbólica e financeira, ainda que pequena, pode comprometer o equilíbrio do orçamento mensal e perpetuar hábitos de consumo ineficientes (Thaler, 2016; Lim, 2021).

Assim, conforme esses autores, este viés decorre de processos cognitivos e emocionais que levam o indivíduo a evitar situações de risco ou mudança, mesmo quando racionalmente vantajosas. O que justifica a relevância de compreendê-los, pois ambos estão diretamente ligados à percepção de risco e ao processo de tomada de decisão, sendo amplamente documentados como influenciadores da relação entre alfabetização e bem-estar.

2.4 Contrapontos Teóricos

Embora a Teoria do Prospecto seja dominante, outras abordagens oferecem nuances. Simon (1955) introduziu a ideia de racionalidade limitada, destacando restrições cognitivas. Gigerenzer (2020) argumenta que heurísticas podem ser adaptativas em certos contextos. Thaler e Sunstein (2008) propuseram os, sugerindo que políticas de arquitetura de escolha podem mitigar vieses. Esses contrapontos ampliam o debate e indicam que a alfabetização financeira, sozinha, pode não eliminar vieses, mas que o desenho institucional pode auxiliar no manejo deles.

A complexidade intrínseca dessa relação entre alfabetização, vieses e bem-estar exige, portanto, uma abordagem que permita a síntese crítica e a proposição de um novo modelo conceitual, visto que a literatura atual apresenta os construtos de forma fragmentada. Para avançar na compreensão dessa dinâmica e propor um caminho para futuras validações empíricas, este estudo adota uma abordagem específica, detalhada na seção a seguir.

Metodologia:

A definição da metodologia adotada neste trabalho decorre diretamente da natureza conceitual e crítica da discussão proposta. Diante da diversidade teórica apresentada na seção anterior, optou-se pelo formato de ensaio teórico, uma escolha coerente com o objetivo de integrar perspectivas ainda pouco articuladas na literatura sobre alfabetização financeira, bem-estar financeiro e vieses cognitivos. Conforme Meneghetti (2011), o ensaio caracteriza-se pela reflexão interpretativa, pela busca de originalidade e pela construção argumentativa que ultrapassa a mera descrição de achados empíricos. Assim, este formato mostra-se adequado para avançar em uma temática cuja compreensão exige análise crítica, síntese e proposição conceitual.

A construção do ensaio seguiu um procedimento de análise conceitual orientado pela síntese crítica das três correntes teóricas mobilizadas. Esse processo envolveu a identificação de convergências, lacunas e tensões presentes nas literaturas examinadas, permitindo propor um modelo conceitual original sobre a mediação dos vieses cognitivos entre alfabetização e bem-estar financeiro. Trata-se, portanto, de uma

abordagem que não se limita às exigências formais de estudos empíricos, mas busca explorar possibilidades interpretativas e analíticas que contribuam para o avanço teórico do campo.

Além disso, este ensaio adota a concepção de objeto e fenômeno discutida por Meneghetti (2011) e Bense (1968), reconhecendo que o objeto de análise — a relação entre alfabetização financeira, bem-estar e vieses cognitivos — manifesta-se empiricamente como fenômeno observável na prática social. Dessa forma, não se examina apenas sua aparência imediata (a associação entre conhecimento financeiro e bem-estar), mas também sua essência, especialmente no que diz respeito aos mecanismos mediadores dos vieses. Para isso, são mobilizadas diferentes epistemologias, como racionalidade limitada, heurísticas adaptativas, teoria do prospecto e nudges, em consonância com a natureza interdisciplinar e crítica do gênero ensaístico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente discussão teórica analisa a influência dos vieses de excesso de confiança e aversão à perda na relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro. A partir da revisão de literatura, postula-se que a alfabetização financeira, embora seja um fator positivo, pode ter seu efeito no bem-estar financeiro mediado por vieses comportamentais. Com base nessa análise, propõe-se um modelo conceitual em que a alfabetização financeira impacta o bem-estar financeiro de forma direta e indireta.

4.1 Alfabetização Financeira e Vieses: O Paradoxo Comportamental

O ensaio defende que a relação entre alfabetização e vieses é complexa e, por vezes, paradoxal. Um indivíduo com alta alfabetização financeira pode, por um lado, ter as ferramentas para tomar decisões racionais, mas, por outro, manifestar maior excesso de confiança. O conhecimento aprofundado pode levá-lo a superestimar sua capacidade de prever o mercado ou de escolher o ativo certo, ignorando a possibilidade de erros.

De forma similar, o conhecimento sobre a volatilidade e os riscos do mercado pode exacerbar a aversão à perda. Esse indivíduo, consciente das possíveis perdas, pode adotar um comportamento excessivamente cauteloso, resultando em perdas de oportunidade e decisões subótimas. Este paradoxo revela que a alfabetização não é uma vacina contra a irracionalidade, mas sim uma condição que é filtrada e pode ser distorcida pelos vieses comportamentais.

4.2 Vieses, Mediação e o Bem-Estar Financeiro

A manifestação desses vieses, por sua vez, afeta diretamente o bem-estar financeiro.

Excesso de Confiança: Este viés pode levar a decisões de investimento arriscadas, como a falta de diversificação, resultando em perdas financeiras que comprometem a segurança e a percepção de controle do indivíduo.

Aversão à Perda: Este viés resulta em decisões subótimas, como a relutância em vender ativos em queda ou a preferência por investimentos de baixo risco que não geram o retorno necessário para atingir objetivos de longo prazo. Essas decisões comprometem a dimensão objetiva e aumentam a preocupação subjetiva, reduzindo o bem-estar.

O mecanismo fundamental de **mediação** ocorre porque o conhecimento financeiro de um indivíduo é filtrado por seus vieses cognitivos (excesso de confiança e aversão à perda) antes de se traduzir em comportamentos que, por fim, impactam seu bem-estar financeiro. Portanto, o efeito da alfabetização financeira no bem-estar financeiro não é totalmente direto, mas também indireto.

A partir deste modelo, derivam-se as seguintes proposições teóricas para futuras investigações empíricas:

Proposição Teórica 1 (P1): O viés de excesso de confiança atua como mediador negativo da relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro, capturando o efeito indireto em que a superestimação das habilidades leva a decisões de risco que comprometem a segurança financeira.

Proposição Teórica 2 (P2): A aversão à perda atua como mediadora negativa da relação entre

alfabetização financeira e bem-estar financeiro, pois o foco psicológico maior nas perdas do que nos ganhos leva a decisões subótimas que impedem o alcance de objetivos de longo prazo.

Proposição Teórica 3 (P3): A alfabetização financeira possui um efeito moderador sobre a influência prejudicial dos vieses de excesso de confiança e aversão à perda no bem-estar financeiro, ao fornecer maior capacidade de interpretação, autocontrole e reavaliação das decisões.

Resultados e Discussão:

Este ensaio teórico contribui para o preenchimento de uma lacuna na literatura ao integrar campos do conhecimento que, em geral, são tratados de forma fragmentada: alfabetização financeira, bem-estar financeiro e vieses cognitivos. A principal contribuição teórica reside na proposição de um modelo conceitual que articula essas três dimensões, sugerindo que o efeito da alfabetização financeira sobre o bem-estar não é apenas direto, mas mediado por vieses comportamentais como o excesso de confiança e a aversão à perda.

Do ponto de vista prático, as reflexões aqui apresentadas sugerem que os programas de educação financeira devem ir além da transmissão de conhecimento técnico. É fundamental incorporar módulos de finanças comportamentais que auxiliem os indivíduos a identificar e mitigar a influência de seus próprios vieses. Caso contrário, o conhecimento pode, paradoxalmente, se tornar um catalisador para decisões financeiras subótimas.

Este estudo, no entanto, possui limitações inerentes à sua natureza de ensaio teórico. O modelo conceitual proposto e suas proposições teóricas carecem de validação empírica, que é um passo necessário para confirmar as relações aqui discutidas.

Como sugestão para uma agenda de futuras pesquisas, recomenda-se a realização de estudos empíricos, tanto quantitativos (survey com modelagem de equações estruturais) quanto qualitativos (estudos de caso ou experimentos), para testar o modelo proposto. Além disso, futuras investigações poderiam explorar o papel de outros vieses cognitivos (como o viés de ancoragem ou o efeito manada) ou de variáveis moderadoras (como traços de personalidade, cultura ou fatores demográficos) na relação entre alfabetização e bem-estar financeiro.

Referências bibliográficas

ARIANTI, B. F. The influence of financial literacy, financial behavior and income on investment decisions. *Jurnal Ekonomi dan Bisnis*, [S.l.], v. 24, n. 1, p. 1–10, 2021.

BARBER, B. M.; ODEAN, T. The Internet and the Investor. *Journal of Economic Perspectives*, v. 15, n. 1, p. 41–54, 2001

CNDL; SPC BRASIL. *Educação financeira no Brasil: pesquisa nacional de perfil e comportamento*. 2023. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br>. Acesso em: 10 out. 2025.

FERNANDES, D.; LYNCH JR., J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. *Management Science*, v. 60, n. 8, p. 1878- 1892, 2014.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning in the United States. *Journal of Pension Economics & Finance*, v. 10, n. 4, p. 509–525, 2017.

THALER, R. H.; SUNSTEIN, C. R. *Nudge: Improving Decisions About Health, Wealth, and Happiness*. New Haven: Yale University Press, 2008.

BENSE, M. *Pequena estética*. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Debates).

THALER, R. H. *Behavioral economics: past, present, and future*. *American Economic Review*, v. 106, n. 7, p. 1577–1600, jul. 2016.

LIM, S. S. *Financial literacy, overconfidence, and financial well-being*. *Journal of Behavioral Finance*, v.

22, n. 4, p. 456–472, 2021.

GIGERENZER, G. *Adaptive thinking: rationality in the real world*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. *Journal of Consumer Affairs*, v. 44, n. 2, p. 276–295, 2010.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Relatório da OCDE avalia letramento financeiro entre adolescentes. *Aprender Valor*, 2024. Disponível em: <https://aprendervalor.bcb.gov.br/site/aprendervalor/NoticiaAprenderValor/100/noticia>. Acesso em: 10 out. 2025

SILVA, N. E. F. *Alfabetização financeira, inclusão financeira e vieses cognitivos comportamentais: análise da influência sobre o bem-estar financeiro individual*. 2022. Tese (Doutorado em Administração) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

SIMON, H. A. A behavioral model of rational choice. *Quarterly Journal of Economics*, v. 69, n. 1, p. 99–118, 1956.

HUSTON, S. J. Measuring financial literacy. *Journal of Consumer Affairs*, v. 44, n. 2, p. 296–316, 2010.

KAHNEMAN, D. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect theory: an analysis of decision under risk. *Econometrica*, v. 47, n. 2, p. 263–291, 1979.

KEBEDE, H. Financial literacy and personal finance management in Ethiopia: evidence from university students. *International Journal of Business and Social Science*, v. 6, n. 5, p. 173–181, 2015.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 15, n. 2, p. 320–332, 2011.

NETEMEYER, R. G.; WARMATH, D.; XIE, J.; *et al.* Development and validation of the financial well-being scale. *Journal of Consumer Research*, v. 45, n. 1, p. 68–89, 2018.

OCDE. *OECD/INFE 2023 International Survey of Adult Financial Literacy*. Paris: OECD Publishing, 2023. (OECD Business and Finance Policy Papers, n. 39). Disponível em: https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2023/12/oecd-infe-2023-international-survey-of-adult-financial-literacy_8ce94e2c/56003a32-en.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

OCDE. *PISA 2022 results (Volume IV): gaps in students' financial literacy*. Paris: OECD Publishing, 2024. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/pisa-2022-results-volume-iv-gaps-in-students-financial-literacy-212d26f7-en.htm>. Acesso em: 10 out. 2025.